

CNI não vê risco de desabastecimento

Mas entidade alerta que alguns setores precisam retomar investimentos

Eliane Oliveira

• BRASÍLIA. A retomada mais acentuada da atividade econômica, que ficou evidente no crescimento de 5,7% do PIB no segundo trimestre, não oferece, a curto prazo, risco de desabastecimento no mercado interno, segundo estudo da Confederação Nacional da In-

dústria (CNI), divulgado ontem, sobre o aumento da capacidade instalada no setor. No entanto, de acordo com os economistas da CNI, alguns setores, como de madeira, têxtil e de máquinas e equipamentos, são fortes candidatos a um esgotamento, se não investirem em seu parque industrial.

"A situação da indústria co-

mo um todo ainda não é motivo de preocupações, porém, o mesmo não é verdade para alguns setores específicos", diz o estudo da CNI, com base em dados de junho.

Pelo levantamento, há áreas que merecem atenção, mas ainda têm espaço para crescer. São os setores metalúrgico, de materiais elétricos, veículos, plástico, borracha e instrumentos ópticos e médico-hospitalares. Mas, para os economistas da CNI, os desembolsos do BNDES, a produção doméstica e as importações de bens de capital são sinais de retomada dos investimentos.

Confederação quer redução dos juros e do 'spread'

Uma das recomendações da CNI é que o governo avance na redução dos impostos incidentes sobre bens de capital, essencial para atrair investimentos. Outra proposta é a redução do custo de capital, o que envolveria, além da queda das taxas de juros, a diminuição do *spread* (diferença entre o custo de captação e o valor cobrado pelo banco no empréstimo) e o aumento da disponibilidade de crédito.

"Sem a adoção de medidas pró-investimento, não há perspectivas de que o crescimento possa, de fato, ocorrer de forma duradoura", alerta a CNI.

Outra preocupação da entidade é o baixo investimento no parque fabril dos últimos seis anos. ■